



O G TÊXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

GRANDE MANIFESTAÇÃO NAS RUAS DO PORTO

No dia 20 às 18,30, apesar do aparato da repressão, cerca de 10 mil pessoas manifestaram-se corajosamente em algumas ruas da baixa do Porto contra a burla eleitoral e contra o fascismo.

Partindo de vários pontos da «baixa», o grosso dos manifestantes arranca da rua de Passos Manuel em direcção à Batalha. Milhares de tarjetas são lançadas ao ar ao mesmo tempo que a multidão entoia o «Canta Camarada» e grita «abaixo o fascismo», «abaixo a guerra colonial» e outros slogans contra a burla eleitoral.

Rapidamente a polícia de choque investe furiosamente contra os manifestantes obrigando-os a dispersar, abrindo-se em cafés, estabelecimentos e outros locais para fugir à fúria da repressão.

Depois do Movimento Democrático ter imposto (apesar das limitações de toda a ordem e da feroz e sistemática repressão e intimidação montada pelo fascismo) ao longo de escassas 3 semanas de campanha eleitoral uma acção onde participaram milhares de pessoas em entusiásticos comícios ou em amplas reuniões específicas onde foram abordados os principais problemas do país, desmascarada a burla eleitoral e o carácter do regime fascista, as massas ganharam as ruas ao apelo do Partido Comunista e manifestaram o seu descontentamento contra a ausência de liberdades, contra a burla eleitoral, contra a guerra colonial, contra o fascismo.

A LUTA DOS TÊXTEIS DO PORTO

Notou-se ultimamente na luta que os têxteis do Porto têm vindo a desenvolver pela regularização do seu Sindicato uma significativa reactivação a partir das reuniões que quinzenalmente se têm vindo a realizar no Sindicato que pode, se continuar a alargar-se e a passar para novas formas de actuação que a façam sair da roda fechada em que se tem mantido, constituir um importante ponto de arranque para as acções massivas que se impõem, pois só elas farão recuar o Governo e o patronato.

Além de uma maior preocupação em estruturar e organizar as várias fases da luta e a preparação de uma nova lista a concorrer a futuras eleições, circula entre a classe um abaixo-assinado, já com algumas centenas de assinaturas recolhidas, dirigido ao Ministro das Corporações, protestando contra a situação actual do Sindicato e exigindo a sua regularização com a marcação de uma A.G. como ponto de partida para a marcação de eleições.

Acções justas, primeiro passo depois de longo interregno, que podem ser incen-

tyadoras doutras que, na mesma perspectiva, se lhes deverão seguir e que daqui apoiados e incentivamos.

Todavia, ao apontarmos os factores positivos e importantes desta reanimação da luta, não podemos deixar passar a oportunidade para fazer alguns reparos ao conteúdo do último parágrafo desse abaixo-assinado.

Diz-se nesse parágrafo que «...só nós que labutamos numa indústria anarquizada durante muitos anos por incuria dos industriais e que só agora começam a compreender os objectivos que o Governo pretende atingir pela sua concentração e consequente racionalização de trabalho, podemos compreender as vantagens que um Sindicato dinâmico consciente do seu dever para com os trabalhadores têxteis poderá trazer à Economia Nacional.»

Ora, tratando-se de um abaixo-assinado dos trabalhadores para reivindicar o justíssimo direito de ver regularizada a vida do seu Sindicato, que cabimento têm as preocupações com a incuria dos industriais e a anarquização

(continua na pág. 4)

A FALTA DE ALGODÃO E OS DESPEDIMENTOS

A falta de algodão que se tem feito sentir ultimamente na indústria têxtil algodoeira, acrescida com uma enorme subida do produto de cerca de 100%, factor este que levará inevitavelmente a um retraimento na procura dos artigos confeccionados, dado o baixo poder de compra da maioria do nosso povo, são elementos que podem constituir o ayzinhar de uma crise para o sector, particularmente ao nível de empresas de pequena e média dimensões.

A confirmar isso algumas empresas ameaçaram já reduzir para baixos níveis a sua capacidade de produção, enquanto que outras se prepararam para, dentro de algum tempo, começar a trabalhar só 5 ou 4 dias por semana.

Tudo isto quer dizer que a ameaça de desemprego massivo paira de novo sobre elevado número de operários deste sector.

Reflexo da crise que se faz sentir na economia capitalista mundial, desplanificada, especulativa, onde se deglaciaram em concorrência feroz os grandes grupos monopolistas na caça de novos mercados e na obtenção do lucro máximo, os seus efeitos tinham inevitavelmente que se fazer sentir no nosso país, com a particularidade de serem ainda agravados dada a posição de boicote que alguns países produtores desta matéria-prima, particularmente os africanos (caso do Egipto, por exemplo), adoptaram, não vendendo ou limitando ao mínimo as suas vendas a Portugal, devido à política colonialista levada a cabo pelo go-

verno fascista em África. Este factor veio agravar ainda mais as dificuldades e precipitar a crise.

Sem uma legislação de trabalho eficaz, que defenda capzamente os interesses dos trabalhadores, sem Sindicatos livres nem direito à greve, com um governo para quem os interesses dos trabalhadores só contam para servir de motivo a demagógicas «conversas em família» ou a discursatas ocas de ministros fascistas, para entreter e desviar a atenção dos trabalhadores daquilo a que têm direito e da verdade da sua situação, os trabalhadores têxteis do algodão devem contar acima de tudo com a sua força, com a sua unidade e organização em cada empresa para se defenderem.

A crise avizinha-se e será sentida particularmente nas pequenas e médias empresas que não poderão competir com as grandes do sector nem em mercados nem em

organização de setoques que lhes permitam aguentar-se. Não gozarão também dos favores e facilidades que o governo guardará certamente para os grandes do sector.

Seja como for o que aqui interessa salientat é que os trabalhadores não podem ser surpreendidos pelos acontecimentos e serem postos depois perante factos consumados, como o da possibilidade de serem lançados de um momento para o outro para a incerteza do desemprego.

Há que começar desde já a agitar o problema e a discutir amplamente as formas de luta para se defender, em cada fábrica, ou em amplas reuniões no Sindicato. Há que preparar-se para exigir firmemente direito ao trabalho, ao pleno emprego.

Que mais uma vez os problemas dos industriais, sejam eles quais forem, grandes, médios ou pequenos, não sejam resolvidos à custa dos trabalhadores.

OS ROUBOS DA «MONDEX»

Não satisfeitos com a exploração infame de centenas de jovens (na sua maioria raparigas) dos 15 aos 18 anos a quem pagam salários baixíssimos, os patrões da Mondex montaram ainda um odioso sistema que lhes permite beneficiar, além de mão-de-obra barata, de mão-de-obra gratuita.

Fechando os portões da fábrica 5 minutos antes da jornada de trabalho se iniciar, o patrão pune depois com o roubo de uma hora de salário

aqueles que cheguem, mesmo pouco que seja, depois dessa hora.

Fixando depois altos níveis de produção diária e prometendo prémios a quem os ultrapasse, monta assim elevadíssimos ritmos de produção diária, pois cada operário tenta a todo o custo elevar o seu magro salário diário.

Contudo ao mesmo tempo que isto se passa, organiza paralelamente com o auxilio dos cães de fila dos encarregados, todo um sistema de arbitrários

(continua na pág. 4)

LUTAS LUTAS LUTAS LUTAS

Lutas pelo pagamento do trabalho nocturno

Procurando fugir ao pagamento dos 25 % pelo trabalho nocturno e jogando já com a classificação do trabalho nocturno dada pelo recente Decreto, a COTESI (propriedade de do Violas) tentou modificar os horários dos turnos, adiando o seu início numa hora, para fugir assim ao pagamento dos 25 % na primeira hora de trabalho das 6 às 7 horas da manhã.

Reagindo prontamente a mais esta traficância do Sr. Violas os operários recusaram-se a iniciar o trabalho às 7 da manhã.

Chamado um piquete da GNR os operários não se amedrontaram, mantendo-se firmes na sua recusa. Quando os operários do 2º turno chegaram solidarizaram-se imediatamente com os seus colegas do 1º turno, recusando-se também a pegar no trabalho.

Perante a firmeza dos operários é chamado à pressa o Violas a quem os operários, mantendo-se firmes na sua recusa, exigem a continuação do horário antigo e o pagamento das horas desse dia que tinham sido gastas com a paralisação.

Apercebendo-se da determinação e unidade dos operários o Violas não teve outra alternativa senão ceder às propostas dos operários.

Também na região da COVILHÃ a exigência do pagamento do trabalho nocturno entre os operários dos lanifícios tinha levado uma dele-

gação de 50 operárias ao ao INTP a exigir o seu pagamento. Nessa altura ficou sido dito que se esperava um parecer do Supremo Tribunal Administrativo. Este Tribunal veio agora decidir que se devia pagar o trabalho nocturno aos operários a partir de Janeiro último.

Contudo o patronato tem-se recusado em bloco a efectuar esse pagamento.

Cabe aos operários dos lanifícios seguir o exemplo dos operários da COTESI. Em cada empresa há que organizar a luta para exigir do patronato o pagamento do trabalho nocturno.

Para o mesmo efeito há que aproveitar o Sindicato para aí, em amplas reuniões e Assembleias abordar o problema e assentar em algumas formas colectivas de acção a fim de obrigar o patronato a ceder.

SITENOR: luta contra os despedimentos

Depois dos despedimentos efectuados em Agosto de que demos largamente conta no anterior «O Têxtil», para aí, ainda nesta empresa a ameaça de novos despedimentos.

Das acções descoordenadas e pouco convicidas quando do despedimento dos 200 colegas, devem os trabalhadores tirar as devidas lições.

Tal como um grupo de operários da empresa afirmava num recente manifesto aí distribuído «não é ficando à espera com medo, aguardando que seja o colega do lado o despedido e não nós, que

nos defendemos».

Efectivamente não é com medo, mas antes com a acção coesa e decidida de todos que faremos recuar o patronato. Também não é isoladamente ou em grupos desgarrados, nem fazendo dos tribunais fascistas o principal centro da luta que se poderão obter eficazmente aos tribunais da CUF.

Perante a ameaça de novos despedimentos há que continuar a fazer «cerca» se necessário, de maneira ainda mais concentrada, insistir em paralisações como as já feitas anteriormente embora mais organizadas e firmes e para isso continua a ser determinante a formação de comissões de unidade com os trabalhadores mais conscientes e decididos, permitindo assim uma melhor organização e coordenação, factor essencial à boa condução da luta.

Impõe-se do mesmo modo efectuar amplas reuniões para aí discutir as novas formas de luta a empregar se tal for necessário.

Num outro plano, a reacção contra os despedimentos anteriores demonstrou também a necessidade de eleger para o Sindicato uma direcção honesta que aí defenda capazmente os interesses dos trabalhadores.

Mais uma vez ficou demonstrado que os tipos da Comissão Administrativa não estão ali para defender os interesses dos trabalhadores, mas sim os do patronato.

Nada fazendo para defender os trabalhadores junto da empresa, limitaram-se depois a dizer aos trabalhadores

(continua na pág. 4)

A LUTA DOS

TÊXTEIS DO PORTO

(continuação de pág. 1)

ção da indústria? E que têm os trabalhadores a ver com essa anarquia? De quem é a culpa? E o que tem ou terá o Sindicato a ver com tudo isto?

A anarquização da indústria não está desligada da forma como se rege a economia capitalista assente na propriedade privada dos meios de produção, na livre concorrência e na exploração do homem pelo homem. É mesmo uma consequência directa disto.

Não cabe a um documento de trabalhadores congratular-se com a política de concentração e racionalização de trabalho levada a cabo pelo Governo. Isso seria dar o nosso aval à política de baixos salários, de elevados ritmos de produção, de despedimentos que tem sido a constante praticada pelos capitalistas com o apoio do Governo e que tem forçado milhares de têxteis a emigrar, para não morrerem de fome.

Não! Esta não é a linguagem dos trabalhadores. Não é com esta linguagem que os mobilizaremos!

Também não será passando a mão pelo lombo do fascismo que levaremos o Governo e o patronato a ceder mais rapidamente, antes pelo contrário.

Posições como esta nunca conduziram a resultados positivos. E parece que disso a luta dos têxteis já deu experiências suficientes.

LUTAS LUTAS LUTAS

SITENOR

(continuação da pág. 3)

despedidos que embora tivessem direito às indemnizações a empresa não estava disposta a pagá-las... Nem um passo foi dado na sua defesa. Comportaram-se (como o são afinal de contas) como simples porta-voz da empresa.

Que os trabalhadores saibam tirar deste facto as devidas ilações. Que ele tenha contribuído para que mais decididamente se lancem através de acções massivas na conquista do seu Sindicato.

EMPRESA FABRIL DO NORTE

Para protestar contra a má alimentação servida no refeitório (chegaram a dar para comer bacalhau podre) os operários dirigiram-se à administração através de um abaixo-assinado que rapidamente recolheu cerca de centena e meia de assinaturas.

Alarmado com o que se estava a passar, um dos encarregados tentou pressionar um operário para que este desencorajasse a luta em curso, ameaçando depois despedi-lo perante a sua firmeza.

Pressionado pelos restantes operários, o encarregado é obrigado a receber uma comissão de 6 operários comprometendo-se perante eles a melhorar a comida, facto que se veio a verificar dias depois.

CORFI

(Espinho)

Reagindo contra o ambiente policial que reina nesta empresa, onde abundam os arbitrários castigos, em regra de 5 dias, aplicados aos operários, descontentes por não lhes ter sido pago como devia um subsídio a que tinham direito, os operários recusaram-se a fazer horas extraordinárias.

MONDEX

(continuação da pág. 2)

castigos que roubam uma ou duas horas de trabalho e salário às operárias, impedindo-as assim não só de receberem o tempo que trabalham, como de poderem beneficiar do prémio a que tinham direito, visto que a produção dessas horas de castigo não são contadas, baixando assim o seu nível de produção diária.

Este ambiente de caserna militar fascista que serve de base a um monstruoso sistema de exploração não pode ser permitido!

Cabe aos trabalhadores, unidos, dar a resposta pronta e enérgica contra tais monstruosos roubos.

Há que reunir, discutir em conjunto, esclarecer os colegas da exploração de que são vítimas. Há que organizar o protesto em massa, paralisando a produção, concentrando-se junto da administração, ou utilizando outras formas que se revelarem mais eficazes, de acordo com as condições concretas que estiverem criadas de modo a fazer sentir aos patrões da Mondex que não estais dispostos a suportar mais essa infame exploração, nem a ser grosseiramente roubados.